



BRASIL S/A

por Antônio Machado

cidadebiz@correioweb.com.br

Economia - Brasil

É só encenação

É ainda a ausência de vontade política de enfrentar o seu passado de críticas contundentes ao modelo econômico que adotou que leva o governo ao contraditório de projetos, ações e retóricas que faziam a marca do PT de três anos atrás, mas que hoje destoam do conjunto da obra, como a anunciada reforma das universidades. O presidente é posto em campo dia sim, outro também, para ecoar este passado do "contra tudo isso que está aí", cadenciado pela sua voz rouca inconfundível, em contraponto ao que mais sólido seu governo tem para exibir, sem nenhum lirismo: a robustez da política econômica.

A perseverar nesta toada, e depois de 26 meses parece não haver nada mais que o tire dessa trajetória, Lula fará o modelo de economia aberta e crescimento dirigido pela iniciativa privada se consolidar e triunfar lá para meados de 2006, mais tardar 2007, quando o país provavelmente fará jus à classificação de *investment grade*, ou "bom para investimento", das agências de risco soberano.

Se, além disso, a continuidade do crescimento que se avizinha – modesto ou não, mas crescimento –, vier acompanhada da geração de empregos de qualidade, maior participação dos salários nos ganhos de produtividade da economia e a universalização da educação, Lula não terá do que se envergonhar. Por isso, não mais que isso, é que se reelegerá, mesmo maltratando o vernáculo e interpretando o mal pensado papel de cavaleiro da esperança de pobres contra os ricos.

O caminho está aplainado, mas o que conspira contra ele não é o que Lula conquistou já entrando pela segunda metade do mandato. As lembranças do que foi o PT, e ainda o é em seu plano idealizado, não estão de todo superadas, especialmente no terreno da ideologia econômica, parecendo não bastar ao partido cultivar a chama da generosidade social para manter vivos os espíritos inquietos de sua esquerda e sobretudo não descarrilar os movimentos populares que traz consigo ou inspirou em seus 25 anos de existência.

Não há o amanhã

O PT é, para todos os efeitos, um partido bem sucedido: governa o país sem maior oposição, tem conseguido manter quieta a agitação urbana organizada – que nada tem a ver com a criminalidade, esta, sim, crescente –

NEM COM BOINA DE GUEVARA LULA MUDARÁ A ESSÊNCIA DO GOVERNO: A ECONOMIA DIRIGIDA PELO MERCADO

–, no meio rural fez pouco mas não perdeu o diálogo com o MST, foi bem nas recentes eleições municipais e ostenta um rosário de realizações no plano econômico. Mas digeriu muito mal as perdas de capitais e cidades importantes, jamais soube gerir a enorme base aliada que construiu não em torno de princípios e sim pela troca de favores, razão pela qual ela sempre esteve mais para bando que para um time fiel e entusiasmado, e imaginou poder tocar a cipó de aroeira

os seus próprios parlamentares, aos quais abriu pouco espaço para reflexão sobre os rumos trilhados pelo governo e o destino a ser alcançado. É como se não houvesse o amanhã do PT.

O governo tem metas de inflação para dois anos à frente e sabe o que pretende com a economia, mas deixa correr solta a redefinição de seu partido, embora também saiba que não há como dissociar o futuro do PT daquilo que emergir dos resultados e relações econômicas do modelo que plantou. O palocismo precisa redundar num enorme fracasso, o que está longe de acontecer, para que a economia não avance para o próximo estágio de investimentos tímidos, por agora, e maciços, depois, em aumento das instalações industriais e modernização da infra-estrutura social e de portos, estradas, ferrovias, eletricidade e saneamento básico. Não se acha espaço para um PT socialista nesta cena. Reformista, sim, mas para disseminar a riqueza, não para expropriá-la, sequer contestá-la.

Fora de lugar

O tal do fogo amigo é sinal de inquietação de parte da cúpula petista com os rumos da economia para os quais se sente arrastada, sem se ver partícipe. Mas o governo, em vez de chamar para si esse grande debate, vacila. Pior: tenta pôr panos quentes. É o que faz Lula subir o tom contra as elites em discursos e explica projetos nascidos não para emplacar, mas para manter as alas insatisfeitas do PT ocupadas e com a sensação de que nem tudo está perdido para elas, como o da reforma das universidades e da Ancinav. Gasta-se energia demais com o que está fora de lugar neste novo contexto.

Tivesse o governo adotado o caminho do populismo que brota como capim ruim na América Latina, e até que projetos como o do ministro Tarso Genro para a reforma das universidades teriam nexos. Continuaria ruim, ameaçador ao ensino superior e ao seu papel na formação de uma inteligência nacional, mas estaria sintonizado com a idéia de a tudo nivelar por baixo a pretexto de socializar o acesso e ampliar a participação popular.

Tal projeto, como tantos gerados pelos ministérios que participam do governo como birutas de aeroporto, é bom para criar fumaça. Há sempre o risco de que eles possam tomar corpo e acabar aprovados, especialmente se baixados por medida provisória. Mas, se o risco era baixo quando o governo passava o rolo compressor no Congresso, agora que levou cascudo de sua própria base, com a ajuda tática da oposição, é que não aprovará nada que satisfaça apenas facções do PT, ainda por cima dissonantes daquela que enfeixa o eixo condutor do governo. Se for para ganhar voto, Lula pode até vestir boina de Guevara, que não mudará a essência do governo: a economia dirigida pelas forças de mercado, com uma pitada levemente social.